

Discurso do Papa Francisco aos participantes da Conferência Internacional sobre «As Religiões e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável»

Vaticano | 08.03.2019

Eminências, Excelências,
Caros líderes das tradições religiosas mundiais,
Representantes de organizações internacionais,
Distintas senhoras e senhores:

Dou as boas-vindas a todos vós aqui reunidos para esta Conferência Internacional sobre «As Religiões e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável»

Sustentabilidade e Inclusão

Quando falamos de sustentabilidade, não podemos ignorar a importância da inclusão e ouvir todas as vozes, especialmente aquelas que normalmente são marginalizadas neste tipo de discussão, como as dos pobres, migrantes, indígenas e jovens. Fico feliz por ver uma variedade de participantes nesta conferência, portadores de uma multiplicidade de vozes, opiniões e propostas, que podem contribuir para novos caminhos de desenvolvimento construtivo. É importante que a implementação de objetivos de desenvolvimento sustentável siga a sua verdadeira natureza original, que é ser inclusiva e participativa.

A Agenda 2030 e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, aprovados por mais de 190 nações em setembro de 2015, foram um grande passo para o diálogo global, a bandeira de uma necessária «nova solidariedade universal» (Enc. *Laudato si'*, 14). Diferentes tradições religiosas, incluindo a católica, abraçaram os objetivos do desenvolvimento sustentável porque são o resultado de processos participativos globais que, por um lado, refletem os valores das pessoas e, por outro, são baseados numa visão integral do desenvolvimento.

Desenvolvimento integral

Contudo, propor um diálogo sobre o desenvolvimento inclusivo e sustentável requer também o reconhecimento de que o "desenvolvimento" é um conceito complexo, muitas vezes instrumentalizado. Quando falamos de desenvolvimento, devemos sempre esclarecer: Desenvolvimento de quê? Desenvolvimento para quem? Durante demasiado tempo, a ideia convencional de desenvolvimento limitou-se, inteiramente a designar o crescimento económico. Os indicadores de desenvolvimento nacional foram baseados nos índices do produto interno bruto (PIB). Isto tem guiado o sistema económico moderno por um caminho perigoso, que avaliou o progresso apenas em termos de crescimento material, de modo que somos quase obrigados a explorar irracionalmente a natureza e os seres humanos.

De facto, como disse o meu predecessor Paulo VI, falar de desenvolvimento humano significa referir-se a todas as pessoas - não apenas a algumas - e a toda a pessoa humana, não apenas à dimensão material (v. *Populorum Progressio*, 14). Portanto, uma discussão frutífera sobre o desenvolvimento deve oferecer modelos viáveis de integração social e conversão ecológica, porque não podemos desenvolver-nos como seres humanos, promovendo a desigualdade e a degradação ambiental [1].

As Denúncias de modelos negativos e as propostas de rotas alternativas não são válidas apenas para outros, mas também para nós. De facto, todos devemos comprometer-nos com a promoção e implementação de metas de desenvolvimento que sejam apoiadas pelos nossos valores religiosos e éticos mais profundos. O desenvolvimento

humano não é apenas uma questão económica ou que diz respeito aos especialistas, mas, em primeiro lugar, uma vocação, um chamamento que requer uma resposta livre e responsável (v. Bento XVI, *Caritas in Veritate*, 16-17).

Objetivos (diálogo e compromissos)

E respostas são o que espero que surja nesta Conferência: respostas concretas ao clamor da terra e o grito dos pobres. Compromissos concretos para promover o desenvolvimento real de forma sustentável, através de processos abertos à participação das pessoas. Propostas concretas para facilitar o desenvolvimento dos necessitados, fazendo uso do que o Papa Bento XVI reconheceu como «a possibilidade de uma grande redistribuição da riqueza em escala planetária, como nunca se viu antes» (ibid., 42). Políticas económicas concretas que enfocam o indivíduo e que podem promover um mercado e uma sociedade mais humanos (ver ibid., 45.47). Medidas económicas concretas que levam a sério nosso lar comum. Compromissos éticos, civis e políticos concretos para desenvolver nossa irmã Terra, e não apesar dela.

Tudo está conectado

Também me alegro por saber que os participantes desta Conferência estão dispostos a ouvir as vozes religiosas quando discutem a implementação de metas de desenvolvimento sustentável. De facto, todos os interlocutores desse diálogo sobre este assunto complexo são, de alguma forma, chamados a deixar a sua especialização para encontrar respostas comuns ao clamor da terra e dos pobres. No caso das pessoas religiosas, precisamos abrir os tesouros das nossas melhores tradições para um diálogo verdadeiro e respeitoso sobre como construir o futuro do nosso planeta. Os relatos religiosos, embora antigos, são geralmente cheios de simbolismo e contêm «uma convicção atual: que tudo está relacionado, e que o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da justiça e fidelidade aos outros» (v. *Laudato Si'*, 70).

Neste sentido, a Agenda 2030 das Nações Unidas propõe integrar todos os objetivos através dos cinco P: pessoas, planeta, prosperidade, paz e parceria [2]. Sei que esta conferência também se articula em torno destes cinco P.

Acolho com satisfação esta abordagem unificada dos objetivos; pode também servir para nos defender de uma conceção de prosperidade baseada no mito do crescimento e consumo ilimitados (v. *Laudato Si'*, 106), para cuja sustentabilidade dependeríamos apenas do progresso tecnológico. Ainda podemos encontrar alguns que obstinadamente apoiam esse mito e dizem que os problemas sociais e ecológicos são resolvidos simplesmente aplicando novas tecnologias e sem considerações éticas ou mudanças fundamentais (cf. ibid., 60).

Uma abordagem integral ensina-nos que isso não é verdade. Embora seja certamente necessário visar uma série de objetivos de desenvolvimento, isso não é suficiente para uma ordem mundial equitativa e sustentável. Os objetivos económicos e políticos devem ser apoiados por objetivos éticos, que pressupõem uma mudança de atitude, a Bíblia diria uma mudança de coração (v. ibid., 2). Já São João Paulo II falou sobre a necessidade de «encorajar e sustentar uma conversão ecológica» (Catequese, 17 de janeiro de 2001). Esta palavra é forte: conversão ecológica, onde as religiões têm um papel fundamental a desempenhar. Para uma transição correta rumo a um futuro sustentável, é necessário reconhecer «os próprios erros, pecados, vícios ou negligências», «arrepender-se de coração, mudar a partir de dentro», reconciliar-se com os outros, com a criação e com o Criador (v. *Laudato Si'*). 218).

Se queremos dar bases sólidas ao trabalho da Agenda 2030, devemos rejeitar a tentação de buscar uma resposta simplesmente tecnocrática aos desafios - que não adianta - e estar disposto a enfrentar as causas e as consequências a longo prazo.

Povos indígenas

O princípio cardeal de todas as religiões é o amor pelos nossos semelhantes e o cuidado com a criação. Gostaria de destacar um grupo especial de pessoas religiosas, o dos povos indígenas. Embora representem apenas 5% da população mundial, eles cuidam de quase 22% da superfície da Terra. Ao viver em áreas como a Amazónia e o Ártico,

elas ajudam a proteger aproximadamente 80% da biodiversidade do planeta. Segundo a UNESCO: «Os povos indígenas são guardiões e especialistas de culturas únicas e relações com o ambiente natural. Eles representam uma vasta gama de diversidade linguística e cultural no coração da nossa humanidade comum» [3]. Eu acrescentaria que, num mundo fortemente secularizado, estas populações lembram-nos a sacralidade da nossa terra. Por estas razões, as suas vozes e preocupações devem ser fundamentais para a implementação da Agenda 2030 e estar no centro da busca de novos caminhos para um futuro sustentável. Também o discutirei com os meus irmãos bispos no Sínodo da Região Pan-Amazónica no final de outubro deste ano.

Conclusões

Queridos irmãos e irmãs, hoje, passados três anos e meio desde a adoção dos objetivos do desenvolvimento sustentável, devemos perceber ainda mais claramente a importância de acelerar e adaptar as nossas ações para responder adequadamente ao clamor da terra e ao clamor de os pobres (v. *Laudato Si'*, 49): tem um vínculo.

Os desafios são complexos e têm múltiplas causas; portanto, a resposta, por sua vez, só pode ser complexa e articulada, respeitando as diferentes riquezas culturais dos povos. Se estamos realmente preocupados em desenvolver uma ecologia capaz de remediar os danos que sofreremos, nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria deve ser deixada de fora, e isso inclui as religiões e línguas que lhes são próprias (cf. *ibid.*, 63). As religiões podem ajudar-nos a trilhar o caminho do verdadeiro desenvolvimento integral, que é o novo nome da paz (v. Paulo VI, *Populorum Progressio*, 76-77).

Exprimo a minha sincera gratidão pelos vossos esforços em cuidar do nosso lar comum, ao serviço da promoção de um futuro sustentável e inclusivo. Eu sei que às vezes pode parecer uma tarefa muito difícil. E, no entanto, «capazes de se degradarem ao extremo, podem também superar, re-optimar pelo bem e regenerar» (*Laudato si'*, 205). Esta é a mudança exigida pelas circunstâncias atuais, porque a injustiça que faz a terra e os pobres chorar não é invencível. Obrigado

[1] Quando, por exemplo, devido às desigualdades na distribuição do poder, o peso da imensa dívida cai sobre os ombros dos pobres e dos países pobres. Quando o desemprego é generalizado não obstante a expansão do comércio ou quando as pessoas simplesmente são tratadas como um meio para o crescimento de outros. É necessário questionar completamente o modelo dominante de referência. Do mesmo modo, quando em nome do progresso destruimos fontes de desenvolvimento, a nossa casa comum, então o modelo dominante deve ser questionado. Ao questionar este modelo e reorganizando toda a economia mundial, os interlocutores de um diálogo sobre o desenvolvimento devem ser capazes de encontrar um sistema político e económico global alternativo. De facto, para que isto suceda, devemos abordar as causas de distorção do desenvolvimento, ou seja o que a recente doutrina social católica denomina como “pecados estruturais”. Denunciar estes pecados é já uma boa contribuição que as religiões dão às discussões sobre o desenvolvimento no mundo. Não obstante, e juntamente com a denúncia, devemos também propor às pessoas e às comunidades formas praticáveis de conversão.

[2] Cfr United Nations, *Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development*, 2015.

[3] UNESCO, *Message from Ms. Irina Bokova, Director-General of UNESCO, on the occasion of the International Day of the World's Indigenous Peoples, 9 August 2017.*